

CORPOS D'ÁGUA URBANOS DE LONDRINA: DE LIMITES DE CRESCIMENTO A INDUTORES DA EXPANSÃO URBANA¹

Sandra Catharinne Pantaleão²
Yoshiya Nakagawara Ferreira³

1. INTRODUÇÃO

As cidades são resultado de um processo das articulações entre várias escalas geográficas, como também da região em que estão inseridas. A constituição de sua paisagem urbana decorre da confluência dos aspectos de ordem político-institucional, econômico-fundiário e socioespacial. Cada um destes aspectos se associa a, respectivamente: os agentes públicos na tomada de decisões e formulação de leis, bem como a fiscalização como substratos do ordenamento espacial; a conjuntura econômica e os sistemas produtivos como elementos norteadores da distribuição e apropriação da terra (rural ou urbana) e, por fim, a localização das classes sociais e o rebatimento destes grupos sociais na escala citadina (MARX, 1999, p. 9). São aspectos que dialogam entre si e configuram a apreensão da construção do espaço urbano em distintas escalas: a regional, cujas interferências ocorrem sob o viés político-institucional e econômico; a local, que deflagra a organização socioespacial bem como os reflexos da escala regional na estrutura urbana.

Esses aspectos permitem a configuração da paisagem urbana, tal qual descreve Santos (2008) ao conceituar o termo como formas mais ou menos duráveis, em que se observam dois elementos: os naturais e aqueles construídos pela ação humana. A paisagem, mesmo sendo uma forma durável com extratos materiais dos processos acima descritos, não é conjunto estático e fixo, pois as nuances daqueles aspectos evocam mudanças em diferentes escalas, ritmos e intensidades: “[...] em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (SANTOS, 2008, p. 53-54).

Nessa relação entre os vários extratos que configuram a forma da paisagem urbana, podemos distinguir os elementos mais consolidados, pelo menos

Comentário [Y1]: . É necessário fazer duas referências com as respectivas paginações? Talvez fosse interessante colocar somente no final. P. 53-54 – procurei a quarta edição da obra e não achei as citações.

¹ O presente artigo contém parte das discussões apresentadas na dissertação de Mestrado em Geografia: *Rugosidades Urbanas em Londrina: descompasso socioambiental na apropriação dos corpos d'água*. (2010).

² Arquiteta e Urbanista. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina e Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. e-mail: sandrinhapanta@gmail.com.

³ Doutora em Geografia. Professora Sênior do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. e-mail: yoshiyanf@gmail.com

quanto à aparência, que são os testemunhos do passado. No entanto, a cada mudança significativa das relações socioespaciais, podem ser aferidas modificações na estrutura urbana das cidades. Isso porque ao analisarmos o processo de formação de determinados aglomerados, podemos perceber o próprio desenvolvimento da sociedade, que expressa na organização espacial, por meio da paisagem, conforme destaca Santos (2008, p. 54):

[...] o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às novas necessidades da estrutura social.

Desse modo, a análise pretendida neste trabalho elucida o crescimento urbano da cidade de Londrina. Como respaldo, consideramos as três categorias definidas por Lefebvre (1999) quanto à apreensão da totalidade do fenômeno urbano: forma, estrutura e função. Em suas observações, o autor destaca que a análise percorre a dimensão *tempo no espaço*, desvelando que as práticas sociais desnudam um processo permanente de configuração do fenômeno urbano.

Complementando as questões acima, as contribuições de Secchi (2009) ampliam a dimensão *tempo* na leitura do fenômeno urbano, pois a cada periodização, é possível estabelecer quais aspectos contribuíram na estruturação e determinação de distintas formas urbanas, especialmente quando o objeto de estudo são as feições da cidade contemporânea.

Como pano de fundo, temos a concentração como fenômeno recorrente, bem como a dispersão, que segundo Secchi (2009) altera o legado de uma longa duração histórica imputada às cidades:

[...] a perspectiva irrefreável da cidade e o temor de sua dissolução em formas de implantações dispersas das quais é difícil de compreender a função e sentido futuros; entre o pesadelo de uma metrópole que se torna megalópole, lugar de concentração das massas de população cada vez mais impotentes, que perde, à própria medida, que se torna desmesurada, estranha à experiência individual e coletiva de seus habitantes, que não é mais possível conhecer e dominar seus aspectos técnicos e funcionais [...]. (SECCHI, 2009, p. 32)

Isso confere à forma urbana uma instabilidade frequente, que dilacera as concepções ideais de um ambiente construído rígido e/ou estático, como espelho da própria sociedade e de suas mudanças comportamentais ao longo do tempo, que a modificam. Pode-se dizer, então, que a cidade se traduz em um espaço urbano que

[...] não é organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem, ao especificá-los, os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social [...] o estudo da estrutura urbana deve ser conduzido em dois planos: trata-se, por um lado, de elaborar instrumentos teóricos suscetíveis de apreender o concreto-real de uma maneira significativa e, por outro lado, de utilizar esses instrumentos numa sucessão descontínua de análises particulares visando a dados fenômenos históricos. (CASTELLS, 2000, p. 182)

A dilatação e expansão, especialmente das cidades planejadas, comprovam a dinâmica urbana desencadeada por fenômenos de naturezas distintas e seus agentes que passam a intervir de forma mais contundente em meados dos anos 1970, quando o fluxo migratório é mais intenso e ocasiona a dispersão do tecido urbano, alastrando-se áreas exclusivamente residenciais na periferia urbana.

Um processo marcado, principalmente, pelos dados estatísticos de alta concentração demográfica e o espraiamento do tecido urbano por várias extensões em direção aos vários quadrantes da sua periferia. A simplificação de tais dados, por vezes, não apreende a totalidade do fenômeno urbano, pois é comum que a interpretação estabeleça apenas parâmetros quantitativos para o planejamento urbano.

Para além dos aspectos quantitativos, o presente trabalho considerou as mudanças mais significativas na estrutura urbana de Londrina. As análises permitiram o mapeamento das ações de caráter político-institucional e econômico-fundiário, as quais acarretaram o espraiamento do tecido urbano sobre as microbacias hidrográficas, desfigurando o traçado planejado para uma paisagem denominada por *cidade dispersa* (MONCLUS, 1999). Para cada momento histórico, identificou-se a ocupação das microbacias em que foram constatados processos específicos de uso e ocupação do solo e dinâmicas urbanas distintas, o que denota também uma heterogeneidade do tecido urbano atual, de tempos distintos.

2. ESPRAIAMENTO, DISPERSÃO E CONCENTRAÇÃO: UM MÉTODO DE LEITURA DO ESPAÇO URBANO CONTEMPORÂNEO

Ao expandir-se e abrigar centenas de milhares de habitantes, as áreas urbanizadas vão perdendo sua fisionomia precedente em favor de fenômenos característicos das aglomerações urbanas: a dispersão e a concentração modificam a estrutura dessas áreas alterando-lhes outro patamar de organização espacial – a metrópole (SECCHI, 2009).

A cidade alastra-se sobre as áreas rurais e/ou naturais, dispersando-se e conglomerando distintas organizações espaciais, principalmente, pela apropriação

Comentário [Y2]: MONCLUS, 1999.
(Ver bibliografia)

das áreas periféricas, cujas atividades são provenientes de distintos interesses, que, para Secchi (2009) revelam os atores deste processo, como os promotores imobiliários e os agentes públicos. Nesse ínterim, cabe destacar a absorção dos elementos naturais, como os cursos d'água que vão sendo **desnaturalizados**, camuflados e/ou transfigurados com novas feições quando submetidos ao confronto com o perímetro urbano.

Se antes, as barreiras e limites das cidades eram facilmente identificáveis, hoje não esmeramos com precisão “o início ou fim das cidades”. O crescimento das aglomerações, vistos como “[...] o conjunto de fenômenos de extensão e adensamentos apreendidos de um ponto de vista morfológico [...]” (PANERAI, 2006, p. 51), permite uma análise da gramática da forma, sem contudo, descartar os atores responsáveis pelas transformações da fisionomia da paisagem urbana. A partir do crescimento urbano é possível vislumbrar a totalidade das aglomerações, tendo em vista seu caráter dinâmico, que pode ser mais ou menos lento, mais ou menos estável, de acordo com os fatores de coesão interna de sua estrutura.

Em outras palavras, a transformação das aglomerações urbanas podem ser mais lentas e superficiais, marcando períodos de estabilidade ou, ao contrário, mas violentas e profundas, implicando em rupturas ou novas tendências de crescimento. Desse modo, a análise da conformação atual da cidade de Londrina, tendo em vista sua inserção material no território, a partir das microbacias urbanas, é um “instante precário e transitório em sua evolução” (PANERAI, 2006, p.55), visando compreender a sua história por meio das extensões ocorridas sobre as margens dos cursos d'água urbanos que cortam seu perímetro atual.

A leitura apresentada reúne uma série de aspectos relevantes à compreensão da dinâmica urbana, tendo em vista os fenômenos de dispersão e concentração, definidos por Secchi (2009) como norteadores da implosão da periferia, em que diferentes formas urbanas são constituídas, não apenas sob o aspecto físico, mas também pela própria temporalidade de sua consolidação, em virtude dos interesses que revestem a expansão do tecido urbano.

Tomando tais questões, a construção de mapas analíticos acerca do crescimento de Londrina evidencia quais aspectos definidores dos fenômenos de expansão urbana, além do centro histórico consolidado. Além disso, é possível a distinção espacial de três momentos chaves da evolução urbana de Londrina: a Área Central (1930-1950), o Setor Norte (1960-1978) e o Setor Sul (1980-2009). Gênese

Comentário [Y3]: Não acha que é muito figurativo? Uma outra palavra poderia ser usada poderia ser desnaturalizados. Que tal?

de épocas distintas, com atores específicos, consolidando ora os aspectos político-institucional ou econômico-fundiário, notadamente na formação das áreas periféricas (Setor Sul e Norte).

Em suas reflexões, Secchi (2009, p. 54-55) aponta que as áreas periféricas vão se expandindo fisicamente, em consequência do crescimento das cidades, engendrado por diversos atores. As relações espaciais se modificam, acarretando uma nova realidade ao ambiente construído, em sua totalidade: “[...] a cidade para se dissolver em um território urbanizado informe e sem limites” (p. 55). A dispersão é, portanto, um fenômeno característico da cidade contemporânea, que não se efetua sozinho, sendo acompanhado também pela concentração, isto é, o adensamento do tecido urbano, conformando um território como “[...] um enorme palimpsesto no qual as diferentes gerações deixaram o vestígio de suas passagens e isso leva a considerar novos olhos para o problema do todo, da forma e da dimensão da cidade”. (SECCHI, 2009, p. 80)

As consagradas metodologias de análise física do espaço parecem se deslocar meramente da leitura sintática, pela descrição meramente física ao somar outras ferramentas de abordagem da cidade contemporânea, alerta Secchi (2009), pois é importante considerar a dinâmica espaço-tempo intrínseca ao processo de construção, transformação e consolidação de fragmentos urbanos, os quais ocorrem em ritmos diferentes e, também, em escalas distintas, mas que se confrontam e coexistem na realidade contemporânea, observa o autor.

Portanto, ao elegermos as microbacias urbanas como referências de uma periodização para a leitura historiográfica do tecido urbano, quanto à sua materialidade, percorremos nuances que envolvem a organização socioespacial da cidade de Londrina. Neste íterim, podemos observar que refletem concomitantemente as ações de cunho político-institucional e econômico-fundiário. São as relações sociais, somadas aos elementos naturais, os eixos norteadores da paisagem urbana, pois a apreensão da totalidade da cidade contemporânea só é possível pela leitura da longa duração histórica da sua estrutura como processo em constante mutação.

Desse modo, refletimos como os fragmentos da cidade contemporânea se distinguem por categorias temporais, que elucidam a estrutura espacial do ambiente construído pelo substrato imaterial que interfere diretamente na manifestação concreta, compelindo sua construção, transformação e reconstrução. Ainda, como

as periodizações, ou os eventos marcantes ao longo da história, rompem o traçado original e formam a dispersão da cidade em contraposição à concentração.

Somam-se a essa dimensão temporal, o contexto e suas diversas especificidades, reunindo os aspectos político-institucional, econômico-fundiário e socioespacial, pontuados anteriormente a outros aspectos relevantes, que são apresentados sob a ótica fenomenológica de estudo do espaço urbano: as relações ambientais e culturais que permeiam os fatores físico-formal de estruturação da paisagem. Em suas colocações, Secchi (2009) ensina-nos que o *contexto* permite explicitar as características imateriais, propagadas na dimensão físico-formal, sendo que para cada uma das microbacias urbanas de Londrina, verificamos a correspondência entre um e outro, como explicitado no item a seguir.

3. TESSITURAS URBANAS EM LONDRINA: MODELAGEM HISTORIOGRÁFICA DAS MICROBACIAS

Localizada no norte do Estado do Paraná, a cidade de Londrina (figura 1) nasceu sob a égide do impulso da economia cafeeira nos anos 1920-30, vinculada à ocupação das terras férteis do Planalto do Apucarana, tendo como eixo norteador a implantação dos eixos rodoviários e ferroviários no sentido leste-oeste, sobre o qual foram distribuídas cidades novas, “plantadas pela CTNP” (REGO, 2009) como núcleos de apoio das atividades econômicas vigentes nesta época. (figura 2).

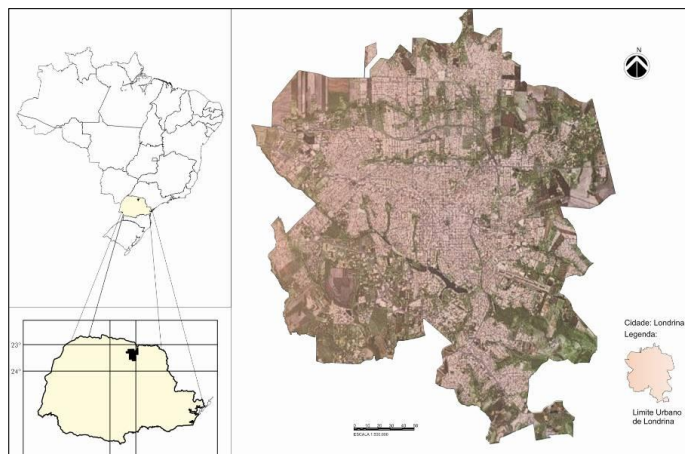


Figura 1: Mapa Localização de Londrina - área urbana. Fonte: IPPUL, 2007; ITCG, 2008 e Imagem Google Maps, 2008. Org. Pantaleão, 2010.

Londrina, nesta conjuntura, assumiu o papel preponderante como sede administrativa da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), sendo,

também, a primeira cidade planejada e constituída na área destinada aos ingleses. O rebatimento espacial se configura, portanto, como um projeto imobiliário-colonizador (NAKAGAWARA, 1984), em que a terra representa um valor de troca e fonte de lucros. Possibilita também a utilização de estratégias de domínio de territórios ainda não ocupados em prol do progresso e do desenvolvimento, propiciado pela economia cafeeira.

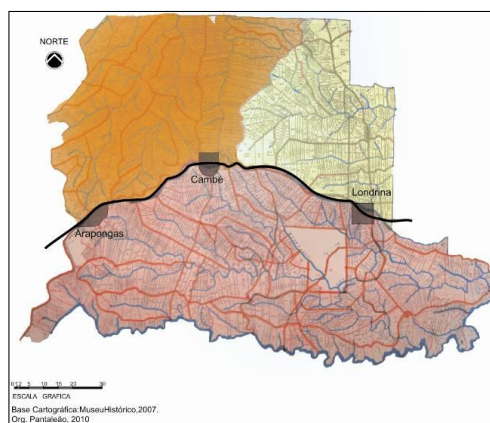


Figura 2: Planta parcial da Colonização da CTNP. A divisão das glebas foi orientada pelo divisor das Microbacias hidrográficas. Os lotes assemelham-se a faixas estiradas entre o espigão e o fundo de vale. Fonte: Museu Histórico, 2007. Org. Pantaleão, 2010.

O percurso de expansão orienta-se sobre esse vetor de desbravamento e incursão pelo sertão, em que a ferrovia torna-se o marco inicial de exploração e modificação do ambiente natural, que passa a ter feições socioculturais na conformação espacial, tanto como eixo estruturador físico quanto disseminador de várias culturas produtivas que se instalam nas suas adjacências acentuadas, também, pelas grandes migrações para as áreas rurais.

O sítio urbano das cidades projetadas pela CTNP localiza-se nos espigões, que funcionavam como eixos estruturadores das ferrovias e rodovias construídas pela empresa inglesa que fez um planejamento regional, englobando os espaços urbanos e rurais. Em Londrina, essa relação é evidente quanto à implantação do núcleo urbano, planejado e construído sobre a égide do traçado xadrez, no alto do espigão, à margem esquerda do Ribeirão Cambé. Esse desenho adequa-se à topografia e aos elementos estruturantes em escala regional: ferrovia e rodovia, no sentido leste-oeste, acompanhando a hipsometria e com uma farta drenagem, cujos cursos d'água, muitas vezes delimitavam os limites das

propriedades. (figura 3). Ao tomarmos o momento de formação das feições urbanas de Londrina, vislumbramos os preceitos de uma cidade delimitada e circunscrita em um tabuleiro de xadrez, em cujos limites se localizavam as áreas rurais. (figura 4).

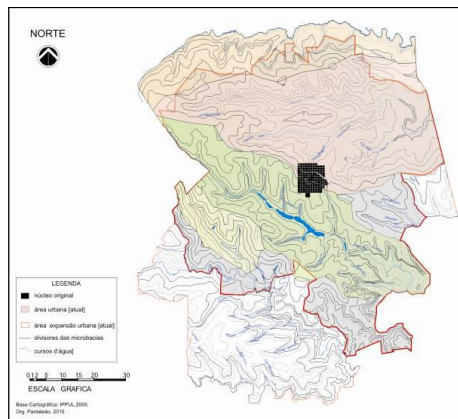


Figura 3: Posição do núcleo original em relação às microbacias hidrográficas. Org.: Pantaleão, 2010.

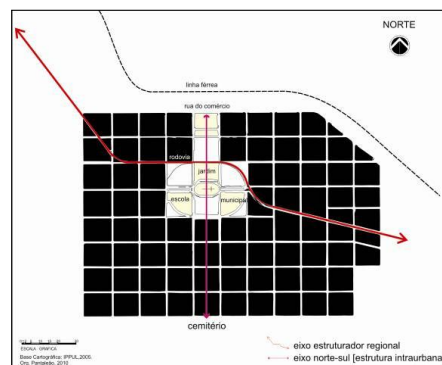


Figura 4: Parcelamento urbano de Londrina. Fonte: acervo do autor, 2008.

Na área central de Londrina, a dinâmica econômica induz a uma ocupação sobre o eixo rodoviário, onde se instalaram edifícios de uso comercial e serviços e, com isso, ocorre uma diversidade de atividades nas proximidades dos espaços livres, que conformam o desenho de uma elipse. As quadras não parceladas como lotes urbanos serviram para a instalação de áreas livres – praças e bosques e, quando ocupadas, na década de 1940, abrigaram edifícios institucionais, como secretarias, posto de saúde, entre outros. Além disso, as transações da economia cafeeira ocorriam neste perímetro, pulsando uma intensa atividade tipicamente urbana.

A dinâmica urbana de Londrina, até meados dos anos de 1950, é marcada pelo adensamento e concentração física da área central, cuja expansão do tecido urbano é mínima e se efetiva pela continuidade ou incorporação das áreas circundantes ao parcelamento original. Desse modo, a consolidação da área ocorre pelo crescimento no sentido leste-oeste e, depois a ocupação a sul, até atingir o fundo de vale do Ribeirão Cambé e os limites da ferrovia, a norte (figura 5).

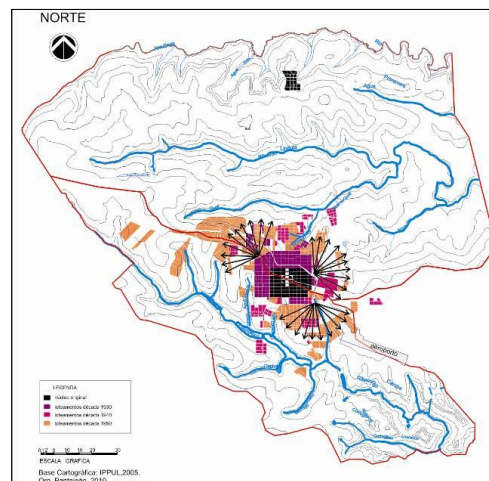


Figura 5: Ocupação no sentido NO-SE. Novos loteamentos menos rígidos que o desenho do traçado de Razgulaeff de 1934. Implantação do aeroporto sobre o espigão a sudeste. Org.: Pantaleão, 2010.

No entanto, em meio ao desenvolvimento compacto do núcleo original, devido ao impulso da verticalização nas quadras adjacentes ao eixo estruturante regional, há uma modificação profunda na estrutura urbana de Londrina entre os anos 1960 e 1980: o poder público passa a intervir no espaço intraurbano. São ações de melhorias, voltadas à implantação de infraestrutura e a definição de uma política de habitação de interesse social, em meio à crise da cafeicultura e substituição por uma economia suplantada pelo agronegócio (NAKAGAWARA, 1984) na figura do binômio soja/trigo e outras culturas secundárias, ao lado da pecuária crescente no norte do Paraná.

Diferentemente da área central compacta, que vai se consolidando como o tecido de sedimentação histórica (PANERAI, 2006), o crescimento sobre o Setor Norte da cidade, debruçando-se sobre a microbacia do Ribeirão Jacutinga e seus afluentes, demonstra uma ocupação espreada, de uso predominantemente residencial e de pouco desenvolvimento econômico. No setor norte, foram

Comentário [Y4]: No setor norte da cidade e seus afluentes...

implantados conjuntos habitacionais, cujas construções tiveram o seu auge nas décadas de 1960 e 1970, interferindo muito na estrutura espacial urbana de Londrina, que se espraiava rapidamente para esse setor, habitado principalmente pela população que vinha das áreas rurais em processo de desestruturação regional, atingidas pela mecanização e pelo êxodo rural. Há interferência da política local na modelagem do espaço, distinta da área central. Hoje, nessa área residem mais de 100 mil habitantes (figura 6).

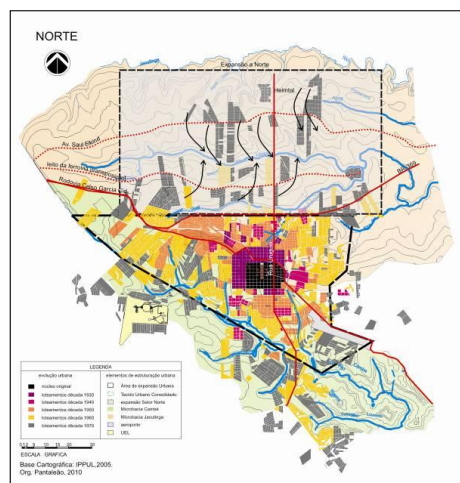


Figura 6: Formação do Setor Norte, partindo do espigão (Atual Avenida Saul Elkind) em direção ao Ribeirão Lindoia com a implantação de loteamentos privados. Org.: Pantaleão, 2010.

Não podemos dizer que houve um crescimento urbano planejado. Essa urbanização é muito mais por adensamento de áreas espraiadas e desconexas do tecido urbano existente, acarretando problemas, especialmente pela falta de infraestrutura. Aparecem distanciamentos e disparidades, formando duas paisagens, desconexas entre si: se, na primeira gênese de ocupação de Londrina, a espacialidade foi definida pela influência regional, a segunda se aprofunda na escala intraurbana, em que há o esfacelamento do tecido urbano pela descontinuidade entre o tecido consolidado e o setor norte da cidade, em vias de formação. (PANERAI, 2006).

No processo de estruturação urbana da cidade, há uma tendência à consolidação do tecido urbano a norte, definindo o segundo momento de mudança. A expansão das áreas formadas na década anterior (1960) constitui-se como crescimento contínuo pelo acentuado espraiamento do Setor Norte. A ocupação vai ocorrendo no sentido norte-sul nas vertentes dos afluentes do Ribeirão Jacutinga,

sendo os fundos de vale o limite destas novas áreas. Algumas vezes, são ocupados de forma irregular, constituindo ocupações informais com degradação ambiental próxima aos cursos d'água. Assim, o Setor Norte consolida-se como tecido urbano à medida que novos loteamentos são implantados ao longo dos eixos norte-sul, ligando o patrimônio de Heimtal com o centro urbano de Londrina. Essa ocupação é rarefeita e se desenvolve ao longo desses eixos viários, que, posteriormente, tornar-se-iam importantes vias expressas da cidade.

No final dos anos 1980, a paisagem urbana de Londrina se define em duas áreas distintas: uma compacta e de alta dinamicidade urbana e outra, dispersa e isolada em meio a uma paisagem rururbana; entre uma e outra, vazios urbanos e chácaras sobreviventes da estrutura regional definida pela CTNP. Em meio a essa fisionomia, o terceiro momento emerge, orientando o crescimento para sul, no início dos anos 1990. A nova área de interesse e foco dos empreendedores imobiliários nos últimos vinte anos pertence à bacia do Ribeirão Esperança, notadamente a porção sudoeste da cidade, numa extensão linear desde a divisa com a cidade vizinha, Cambé, conhecida como Setor Sul (figura 7).

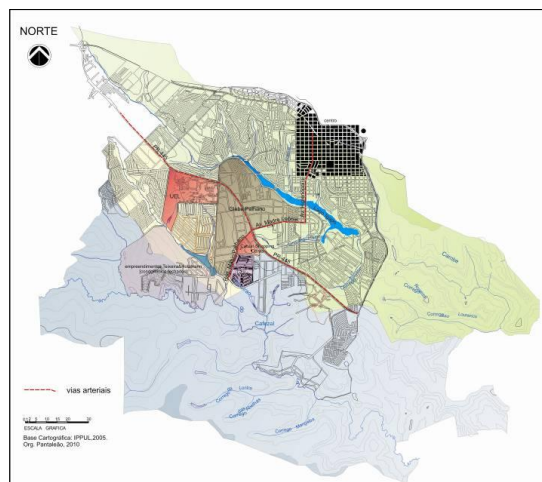


Figura 7: Elementos estruturadores do Setor Sul, com destaque para os eixos viários que possibilitaram a interligação com a área central [tecido urbano consolidado]. Org.: Pantaleão, 2010.

Ao contrário do Setor Norte, esta área se caracteriza, de certa forma, como um tecido contínuo, devido ao caráter especulativo e a atuação do setor público em prol dos agentes privados. Destacam-se como elementos característicos: o *Catuaí Shopping Center* e condomínios fechados de alto padrão, conformando uma paisagem rarefeita e espalhada, mas distinta da fase anterior.

A ocupação se concentra fora dos limites da área urbana da cidade, proliferando loteamentos em áreas rurais, constituindo áreas descontínuas ao tecido urbano consolidado. Nota-se que a vertente direita do Ribeirão Esperança ainda não havia sido ocupada, fato que ocorre apenas no final da década, por volta de 1998. Verifica-se, portanto, que até esse período o Setor Sul estava se estruturando, não sendo uma área circunscrita no perímetro urbano. Ressaltamos, no entanto, que o tecido urbano consolidado não abrangia essa região.

Desse modo, a “explosão” da periferia e novas dinâmicas político-institucional e econômico-fundiária definem um novo vetor de crescimento da cidade na direção sul e, mais recentemente, a leste-sudeste. Do ponto de vista institucional, as alterações da legislação urbana local promovem uma ampliação do perímetro urbano, tornando as áreas de ação dos agentes imobiliários valoráveis espaços para a constituição de uma fisionomia mais dispersa e distinta dos processos anteriores.

Muito mais do que modificar a estrutura intraurbana, as ações remetem-se a uma fragmentação do espaço, pela descontinuidade e desprendimento das áreas a ser ocupadas do tecido consolidado, interconectadas por grandes vias estruturantes, os denominados *sprawl*. Assim, a microbacia do Ribeirão Esperança, já incorporada ao perímetro urbano, absorve os aspectos urbanos, sem, ainda, perder suas feições rurais, pela incorporação à área urbana e à dissolução da fronteira rururbana; do mesmo modo, a microbacia do Ribeirão Cambé consolida-se como área completamente incorporada ao espaço urbano e se define como uma área privilegiada na hierarquia da paisagem, com a adição de edifícios de habitação coletiva, cuja verticalidade é extrema no quadrilátero central e vai se conformando até as vias marginais do Lago Igapó, que é a espinha dorsal da cidade, tornando-se uma imagem símbolo e identitária de Londrina.

Os corpos d’água passam, dessa forma, a constituir parte do tecido urbano, criando uma contiguidade e linearidade de manchas verdes, que, anteriormente, no processo de estruturação urbana, não eram tão evidentes. Não é mais o limite a ser evitado, mas o ponto de conexão e integração entre o Setor Sul e a área central que se encontram nos fundos de vale, revigorando a presença dos mesmos no contexto da paisagem urbana. A continuidade dessas duas regiões é enfatizada. As relações intraurbanas da microbacia do Ribeirão Esperança, localizado no Setor Sul, é mais evidente do que do Jacutinga, no Setor Norte. A dinâmica pulsante da periferia é totalmente transposta do Setor Norte para o Sul,

com os suspiros da “pós-modernidade”, e, mesmo um tecido urbano bem diverso do primeiro, que aparenta ser conexo e coeso.

A inserção do *Shopping Center* provoca uma mudança no processo de estruturação urbana. A construção dos elementos morfológicos não é isolada ou fragmentada, isto é, há uma concomitância entre as obras de infraestrutura, as edificações e os corpos d’água urbanos e, com isso, uma dinâmica de valorização da região. São várias frentes de trabalho: um canteiro de obras, cuja paisagem ressoa sobre as águas do Lago Igapó e pela vegetação da mata ciliar em meio à produção agrícola (figura 8 e 9).



Figura 8: Lago Igapó 1 e ao fundo, processo de verticalização de suas margens na Gleba Palhano. Desenho: Elmar Vieira, 2009.



Figura 9: Condomínios residenciais fechados na área rural. Desenho: Elmar Vieira, 2010.

Sob uma ótica do investidor privado, podemos entender a apropriação dos elementos naturais, associado ao poder público. A sua atuação confere, a uma parte da cidade, uma fisionomia homogênea, ao passo que é a reprodução de conceitos e tipologias alóctones e desprendidas da própria raiz da região, atropelando as peculiaridades de Londrina: não é mais a produção cafeeira que instiga a produção da cidade, seja em seu momento áureo ou na sua crise, respectivamente, o núcleo central e o Setor Norte, mas uma terceira via de escala extra-regional: o Setor Sul.

Podemos, ante ao exposto, distinguir três períodos marcantes para a constituição da configuração da paisagem urbana de Londrina, tendo em vista a confluência dos aspectos político-institucional, econômico-fundiário e socioespaciais. São diferentes atores preponderantes revelados em cada um destes períodos, que se mostram significativos para a compreensão da estruturação urbana pelo viés temporal e apropriação das microbacias urbanas. É possível apontar as mudanças da organização social e o rebatimento na forma urbana: no primeiro momento a modelagem é nítida e, aos poucos, vai se pulverizando sobre o horizonte, revelando

novas estruturas e, conseqüentemente, permitindo a organização de uma área urbana fora do eixo das grandes capitais brasileiras, com ares de metrópole.

A historiografia urbana de Londrina evidencia as relações intrarregional e intraurbana presentes em sua fisionomia, bem como a inserção de elementos exógenos a sua dinâmica inicial. A gênese de formação da cidade e a consolidação de Londrina prenunciam a atuação da CTNP, entre os anos 1930 e 1950, como principal promotor da ocupação e uso do solo, cujas intenções econômicas são fortemente expressas na estruturação regional.

Em seguida, a expansão norte é delineada pelas ações dos agentes públicos (nas esferas municipal, estadual e federal) ao implantar áreas suburbanas, voltadas para a habitação de interesse social, cujo pano de fundo é a microbacia do Ribeirão Jacutinga, inserida às margens do perímetro urbano, no limiar da área rural. A gênese de formação dessa espacialidade inicia-se na década de 1960, com o Plano Diretor de 1968, responsável por definir o zoneamento da cidade, uso e ocupação, focando as áreas sujeitas em absorver a expansão urbana, ainda próxima à região central, mas em direção à vertente dos Rios Quati e Lindoia, afluentes da microbacia do Setor Norte.

A terceira fase anuncia uma nova fisionomia para a cidade. Os elementos constituintes da porção sul são distintos tanto quanto ao uso quanto, à escala que detém na apropriação das áreas anteriormente rurais. O fenômeno recorrente é a implantação de empreendimentos imobiliários denominados como condomínios residenciais fechados de alto padrão, modificando o caráter da periferia e as relações intraurbanas.

4. À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

No caso de Londrina, observamos que o núcleo original, ou o tecido urbano consolidado é o elemento de concentração da paisagem, cujos processos de transformação são regidos pelas *renovatio urbis*, Secchi (2009). As ações empreendidas sobre a tessitura consolidada remetem a um panorama de resignificação do extrato urbano como mecanismo de sobrevivência em meio à dilatação que suas periferias sofrem. Nesse sentido, a fragmentação do tecido urbano revela também a coexistência de diferentes processos historiográficos.

Não obstante, a análise demonstra que o desenho do solo e seu vigor elucidam uma estrutura espacial espraiada e dilatada, cujo reconhecimento ocorre

Comentário [Y5]: retirar

pelo conjunto e não pelo objeto isolado. Assim, a constituição da fisionomia urbana de Londrina reforça esses pontos em que a ruptura do tecido urbano original possui gêneses distintas e marcas inerentes da dispersão: a dinamicidade da periferia. A ocupação das microbacias do Ribeirão Jacutinga e Esperança demonstram que as estratégias de intervenção no território tem se pautado por ações seletivas e estratégicas, ora dominadas pelas ações político-institucionais, ora pautadas pelas ações econômico-fundiárias, próprias de cidades capitalistas contemporâneas.

A paisagem urbana contemporânea, portanto, é cada vez mais dispersa e pulverizada em função da contextualização socioeconômica verificada a partir da década de 1970. Nesse sentido, a contribuição de Panerai (2006), vinculada à dinâmica espaço-tempo é de notória importância para a confecção dos mapas apresentados neste trabalho. A metodologia desenvolvida por Panerai (2006) amplia o discurso de Aldo Rossi (1966), ao construir uma sistematização transversal de interpretação das cidades pós anos 1970, considerando os processos de metropolização e o avanço da inserção de novos elementos, que congregam relações globais e locais, permitindo que a cidade espalhada no território seja entendida em sua totalidade.

As cidades se consolidaram, ao longo do século XX, como o palco da vida humana, em que os fenômenos de dispersão e concentração possibilitaram a constituição de regiões metropolitanas, acarretando modificações profundas nas estruturas de tecidos históricos ou em consolidação, bem como nas cidades novas, especialmente no Brasil, de forma desordenada. Fatos presentes no processo de constituição da paisagem urbana de Londrina, desde a sua feição de cidade nova até os mais recentes elementos constituintes dos tecidos. Tal processo evidencia a consolidação de áreas periféricas sendo, sucessivamente, anexadas ao perímetro urbano, antes áreas de produção rural ou *pousio*, como reserva de “valor futuro”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASPLAN. **Londrina**: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. São Paulo: ASPLAN, 1968.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. **A sociedade em rede**: economia, sociedade e cultura. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, em que termos?** São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MONCLÚS, Francisco J. (ed.). **La ciudad dispersa**. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1999.

- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NAKAGAWARA, Y. Questões agrárias e urbanas. Interdependência e subordinação: o caso norte-paranaense. In: **Terra e Cultura**, Londrina, CESULON, ano 1, n. 1, p. 93-115, 1981.
- _____. **O papel da Cia. de Terras Norte do Paraná no crescimento de Londrina e da região norte-paranaense**. Londrina: 1984 (mimeo).
- _____. Café, do colonato ao bóia-fria. In: **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, v. 15, n. 3, p. 87-94, set. 1994.
- PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Leis do Plano Diretor**. Londrina, 1998.
- _____. **Plano Diretor de Londrina** – documento para discussão. Londrina: 1995.
- _____. **Perfil do Município de Londrina**, 2003, disponível em: www.londrina.pr.gov.br, acesso em 18/07/2007.
- REGO, Renato Leão. **As cidades plantadas**: os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná. Maringá: Edições Humanidades, 2009.
- ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **L'architettura della città**. Milano, Marsilio Editori, 1ª edição, 1966.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SECCHI, Bernardo. **A cidade do século XXI**. São Paulo: Perspectiva, 2009.